

VIAS ROMANAS NO TERRITÓRIO DOS «INTERANNIENSES»

Manuel Maia

Os problemas da divisão etnogeográfica do nosso território estão afastados das preocupações dos arqueólogos portugueses, praticamente desde José Leite de Vasconcelos.

Quem ler os trabalhos publicados depois de *As Religiões da Lusitânia* fica um pouco com a ideia de que a Paz de Augusto mais não foi do que um gigantesco genocídio que devastou por completo a população da Península Ibérica. Deixam os autores de se preocupar com as divisões etnogeográficas ou administrativas, nas quais a etnia ou a divisão geopolítica preexistentes são fundamentais, e passam a falar exclusivamente de romanos. Fala-se por vezes em *conventus* mas, na maior parte dos casos e, quando muito, há uma classificação genérica de lusitano-romano para todo e qualquer monumento arqueológico do período romano descoberto no País, ainda que ele se situe em território dos galaicos ou dos vetões. Será uma homenagem póstuma a esse povo guerreiro ou apenas *pour faire le Galo-Romain*?

Há casos, é certo, em que se tenta e em que é conseguida uma reconstituição de um território, como por exemplo em relação aos Igaeditani e aos Lancienses opidani¹. Mas se, no que respeita àqueles, conhecemos bastante bem os limites do território, para os últimos apenas se identifica com rigor parte da fronteira sul, precisamente aquela que os separava dos Igaeditani.

Tenta-se, por vezes sem o conseguir, localizar as antigas cidades mencionadas nos autores clássicos, gasta-se tinta e papel para provar que Longóbriga ou Talábriga se situavam neste ou naquele ponto, localizações nem sempre despidas de um bairrismo estéril, pretende-se localizar os pontos mencionados no *Itinerário de Antonino*. Sobre os povos que habitavam essas áreas, nada se diz. Sobre a sua organização socioeconómica ignora-se tudo. Felizmente, para o estudo da religião autoctone, foram já lançadas as bases na continuação da obra de Leite de Vasconcelos².

Para o estudo de uma determinada região usa-se a divisão administrativa moderna. *Viação Romana das Beiras, A Romanização das terras da Maia, Estradas romanas do concelho de Viseu Monumentos históricos do concelho de Mação*, etc., como se as Terras da Maia, o concelho de Mação ou as Beiras correspondessem a qualquer divisão geopolítica do período romano, da qual nunca estavam desligados os grupos étnicos.

Embora ignorando a localização dos povos que habitavam o nosso território durante o período romano sabemos, contudo, o nome de muitos deles. Plínio³ enumera-os e classifica-os administrativamente. Por outro lado muitos desses nomes repetem-se na inscrição da ponte de Alcântara⁴, tendo aqui a vantagem de sabermos que os povos mencionados contribuíram para a sua construção, que

¹ D. Fernando de Almeida — *Egitânia, História e Arqueologia*, Lisboa, 1956.

² José d'Encarnação — *Divindades Indígenas sob o Domínio Romano em Portugal*, Lisboa, 1974.

³ Plínio — *História Natural*, IV, p. 118.

⁴ CIL, II, p. 760.

os iria benficar directamente. Sabendo da sua existência, sabendo que estarão incluídos dentro da área que iria ser favorecida com a construção daquele monumento, devemos tentar localizá-los para uma melhor compreensão da História Antiga do nosso território.

Leite de Vasconcelos ⁵ coloca na região do Ribacoa os Lancienses Transcudani, povo mencionado na já citada inscrição da ponte de Alcântara. Há, porém, vários pontos em que discordo da opinião daquele arqueólogo. Leite de Vasconcelos deve ter sido levado a esta atribuição pelo nome actual da região, Ribacoa e, portanto teria identificado com ela o Transcoa. Esta localização estará correcta relativamente ao restante território nacional, óptica moderna que difere da romana, para a qual, o ponto de referência era Roma, centro do Império. Deste ponto de vista o território dos Lancienses Transcudani estender-se-ia pela margem esquerda do Côa e não pela direita. Esta opinião é também defendida por Roldan Hervas ⁶.

A inscrição da Ponte de Alcântara menciona-se um outro povo que se localizava na mesma área. Os Interannienses, grupo que viveria entre rios, como o nome indica. O seu território formaria uma mesopotâmia suficientemente bem definida para individualizar o povo que nela habitava.

Vários autores os colocam entre os rios Águeda e Tormes, região imediatamente a oriente do Ribacoa, mas, se observarmos um mapa (fig. 1) logo nos salta à vista que o curso destes dois rios não forma uma mesopotâmia suficientemente bem definida para, por si só, individualizar um povo. O Águeda corre aproximadamente no sentido sul-norte e o Tormes tem o seu curso orientado de sudeste para noroeste.

Mas, a ocidente desta região vê-se uma mesopotâmia bem definida, a que é formada pelos rios Côa e Águeda (fig. 1). Se, como é lógico, colocarmos os Lancienses Transcudani na margem esquerda do Côa, se atentarmos no aspecto geográfico da mesopotâmia de entre Côa e Águeda, veremos que, segundo toda a probabilidade, o Ribacoa se poderá identificar com o território dos Interannienses.

As Vias (fig. 2)

A zona norte do território Interanniense era sulcada por duas vias romanas, uma no sentido sul-norte e outra oeste-leste.

Ambas penetram o território interanniense pelo mesmo local, a Ponte Velha do Côa.

A primeira, que seria também a mais importante, é a que se dirige para norte. Esta via tinha o seu início em Mérida, passava pela Ponte de Alcântara, Egitânia, Lancia Opidana ⁷, cruzava o Côa e seguia até Barca de Alva onde a passagem do Douro se faria ou por barco ou em ponte de barcas, atendendo a que o rio é, no Inverno, demasiado caudaloso para ser franqueado a vau e a que não resta qualquer vestígio da construção de uma ponte no período romano. Para norte passava pelo actual concelho de Freixo de Espada à Cinta e terminava em Astorga.

O seu traçado no território que se estuda é relativamente fácil de identificar:

Cruzando o Côa na actual freguesia de Cinco Vilas, atravessava o Barrocal — zona de grandes afloramentos graníticos — onde, aqui e além, se podem ainda observar alguns troços de calçada. A natureza pedregosa do terreno, porém, não obriga

⁵ José Leite de Vasconcelos — *De Terra em Terra*.

⁶ J. M. Roldan Hervas — *Fuentes Antiguas para el Estudio de los Vetones*, in *Zephyrus*, XIX-XX, pp. 73-106, Salamanca, 1968-1969.

⁷ Moreira de Figueiredo — *Subsídios para o Estudo da Viação Romana das Beiras*, Viseu, 1953.

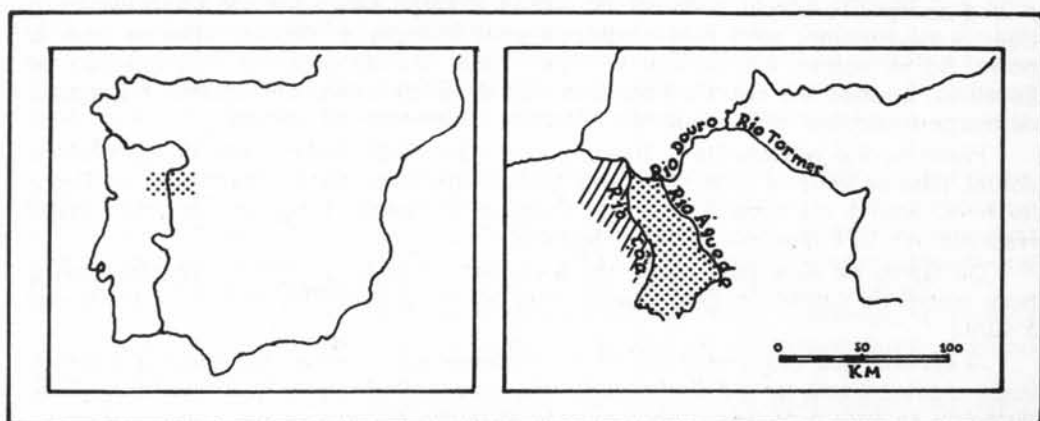


Figura 1

INTERANNIENSES — ●●●●

LANCIENSES TRANSCUDANI — //

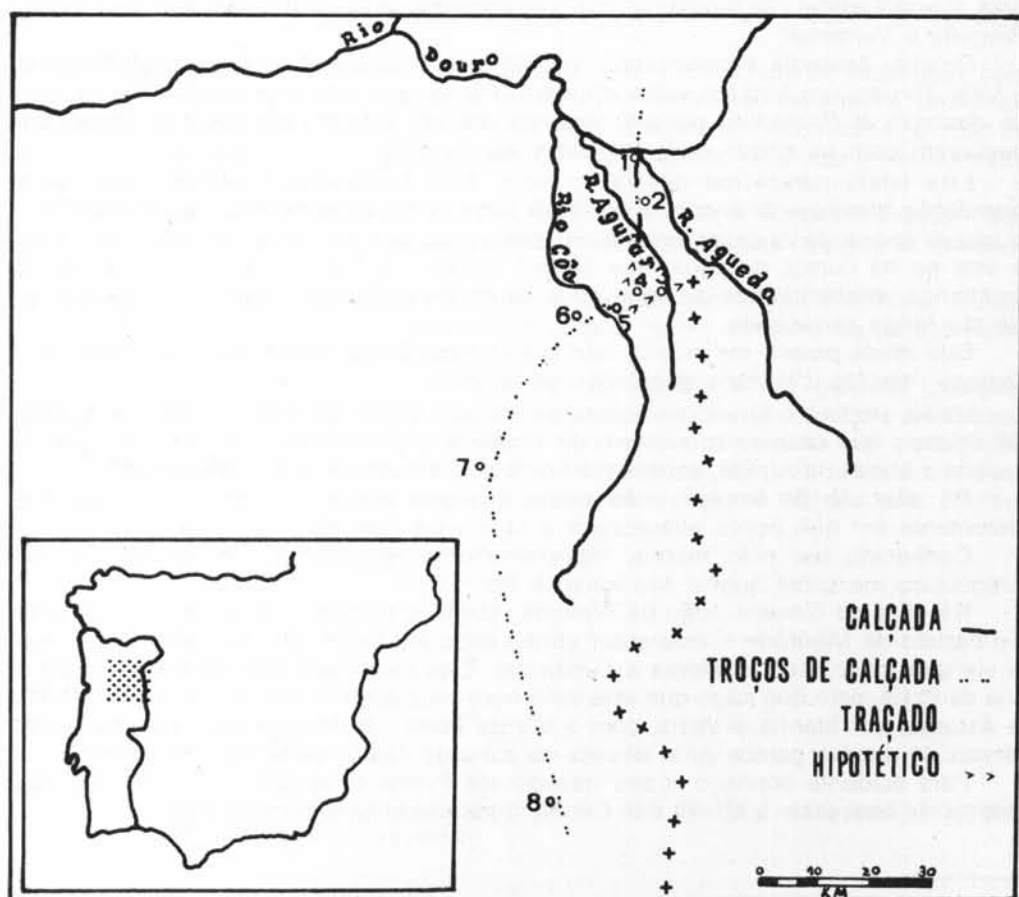


Figura 2

a uma construção típica. A via entrava em Vilar Torpil pela ponte do Lagar de Água que, possivelmente, teria sido originariamente romana e, depois, inflectia para o norte. Só se voltam a encontrar vestígios desta estrada próximo da povoação de Escalhão, quando ela cruza a ribeira de Aguiar, onde existe uma ponte. Em ambas as margens existem ainda algumas centenas de metros de calçada.

Perde-se-lhe novamente o traçado, que não deve diferir muito do da estrada actual, para se voltar a localizar alguns quilómetros para norte, próximos já de Barca de Alva. Aqui a via toma o nome de Calçada do Gamão e segue junto da Estrada Nacional n.º 221 que, em parte, a destruiu.

De Barca de Alva para norte não a conheço mas tenho notícia de que haverá bons troços de calçada e, pelo menos, uma ponte no concelho de Freixo de Espada à Cinta.

A estrada que cruza esta região de ocidente para oriente, tal como a anterior, inicia o seu trajecto dentro do território dos interannienses pela ponte velha do Cõa, dirigindo-se para a povoação de Cinco Vilas, antes da qual se lhe perde o traçado. Não existem vestígios dela em mais nenhuma parte do concelho de Figueira de Castelo Rodrigo.

Uma ponte na povoação de Vermiosa, embora românica, faz-me pensar que seria para aí que a estrada se dirigia; julgo poder reconstituir-lhe o traçado por Cinco Vilas, Reigada e Vermiosa.

Quando procedia a prospecções na Vila dos Pedregais ⁸, situada entre Reigada e Vilar Torpim, um homem idoso informou-me de que ficava próximo um sítio que se chamava as *Passagens* porque, segundo ele, era o ponto por onde os *espanhóis* passavam com os gados que iam beber ao rio Cõa.

Esta lenda parece-me deveras curiosa. Não há qualquer possibilidade de a população que hoje se encontra do outro lado da fronteira ter tido necessidade, em qualquer época, de vir dessedentar os seus rebanhos ao Cõa. Entre o território espanhol e este rio há cursos de água, que correm mesmo no Verão e, na própria Espanha fronteira, existem linhas de água onde os gados poderiam beber sem necessidade de tão longa caminhada.

Esta lenda parece-me provar, isso sim, a tradição de uma estrada por onde, em tempos remotos, circularia gente de outras terras.

Havia, portanto, fortes possibilidades de este ponto ser mais um elo de ligação da calçada que cruzava o território de ocidente para oriente e, na Vermiosa, franquiar a ribeira de Aguiar, sobre uma ponte que actualmente tem três arcos.

Na direcção da fronteira não existe qualquer outro vestígio e não consegui determinar em que ponto atravessaria a ribeira de Tourões.

Conhecido ou, pelo menos, hipoteticamente reconstituído o traçado da via, preocupou-me saber qual o seu início e fim.

Na obra do General João de Almeida recolhi a primeira indicação. Ao referir-se ao castelo de Monforte ⁹, este autor afirma estar ele construído de modo a dominar a via que, para leste, se dirigia a Lumbrales. Esta localidade fica no trajecto para a Via da Prata, pelo que julgo que esta seria mais uma estrada que unia a via de Mérida a Astorga, por Idanha-a-Velha, com a Via da Prata, de Astorga para Sevilha. Outra destas derivações parece estar situada na zona de Aldeia da Ponte.

Para ocidente conheço o seu traçado até Pinhel onde penetra pelas *calçadas*, depois de atravessar a ribeira das Cabras onde existe uma ponte romana.

⁸ Manuel Maia — Vilas Romanas do Território Interanniense, in *O Arqueólogo Português*, n.ºs VII, VIII e IX.

⁹ General João de Almeida — *Livro das Fortalezas e Monumentos Militares Portugueses*, Tomo I.

Sendo esta via até Pinhel comum com a de Astorga poderia parecer que aqui teria o seu termino. Porém, a existência de uma ponte para ocidente de Pinhel, entre esta cidade e a povoação de Valbom, muito possivelmente de origem romana, e, mais para ocidente ainda, na própria aldeia de Valbom, de uma outra de cavaleite aparentemente romana, fez-me concluir que esta estrada se prolongaria para ocidente, ignorando ainda o seu destino.

Na aldeia de Cinco Vilas a calçada é conhecida pelo nome de *Estrada de França*. Achando estranho o topónimo, tentei ver se ele se relacionaria com o moderno fenómeno da emigração. Pessoas idosas, porém, informaram-me de que não. Segundo elas sempre tinha sido este o nome pelo qual esta estrada era conhecida. Disseram-me ainda que por aqui transitavam os almocreves que iam a Coimbra comprar sal.

Punha-se, portanto, a hipótese de esta estrada se dirigir a Aeminium. Poderia ir entroncar na via que, de Viseu, se dirige a Trancoso ou a qualquer outro caminho que levasse a Coimbra.

Mais tarde, ao consultar um trabalho de Iria Gonçalves¹⁰ sobre privilégios de estalajadeiros nos séculos XIV e XV constatei que, em Vilar Torpim, havia nessa época nada menos de 4 estalagens com privilégios, enquanto na cidade de Coimbra havia 6 e em Lisboa, apenas 2.

Os alvarás para as estalagens daquela povoação eram pedidos porque por aqui passava uma estrada, por onde transitava grande número de pessoas de «Castela e de outras partes».

Em mapa explicativo deste trabalho nota-se que a densidade de estalagens com privilégio descreve uma curva perfeita desde a fronteira luso-espanhola, passando por Vilar Torpim, Pinhel, Fonte Arcada, Lamego, Canaveses, Guimarães, Braga, de onde se prolonga na direcção da fronteira galega, dirigindo-se muito provavelmente a Santiago de Compostela (fig. 3).

Assim relacionei o nome de Estrada de França com o *Caminho Francês* que com tanta frequência nos aparece na poesia trovadoresca e que designa as Estradas de Santiago.

Estamos, portanto, perante uma estrada romana que, durante a Idade Média e ainda na Idade Moderna, teria sido aproveitada como caminho de peregrinação que se dirigisse a Santiago de Compostela.

Julgo também possível que, durante os séculos XIV e XV, existisse qualquer derivação entre Cinco Vilas e Vilar Torpim, porque a via que tem o nome de Estrada de França passa por Cinco Vilas e a estrada que passa por aquela outra povoação é a de Mérida a Astorga, não havendo notícia de que fosse utilizado pelos almocreves o troço, pouco seguro, que atravessa o Barrocal entre a ponte velha e Vilar Torpim.

AS PONTES

Ponte Velha do Cõa

Destruída em parte por uma grande cheia no ano de 1907, esta ponte conserva ainda 3 dos 6 arcos que a formavam.

¹⁰ Iria Gonçalves — Privilégios de Estalajadeiros Portugueses (séc. XIV e XV), *Revista da Faculdade de Letras*, Lisboa, 1969.

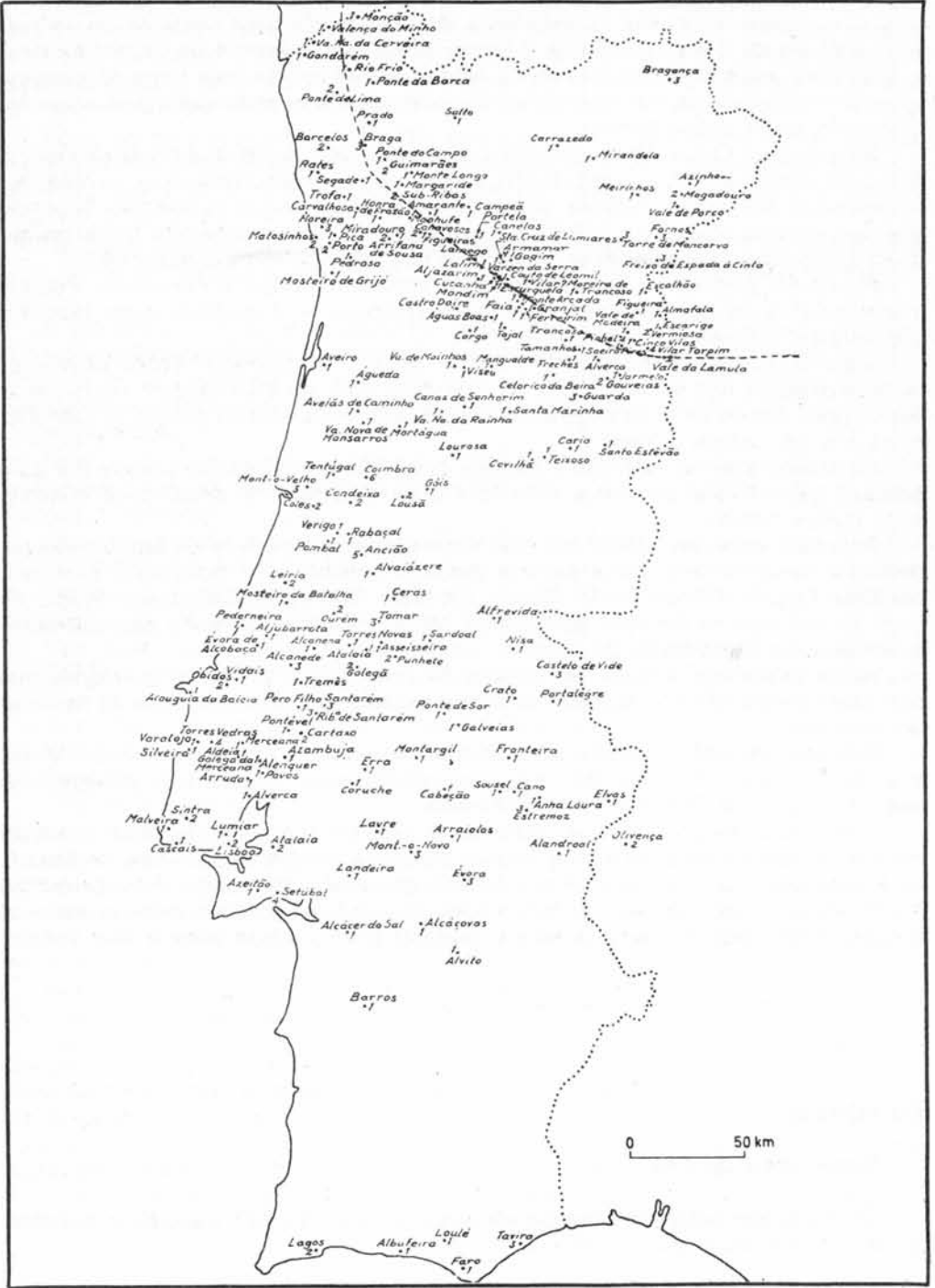


Figura 3



Figura 4

Ela levanta alguns problemas quanto à sua datação, porque, dos arcos existentes, 2 são de volta perfeita, indubitavelmente romanos, e o 3.º é inegavelmente gótico (fig. 4).

O primeiro arco, o leste, apresenta as seguintes medidas:

Vão — 5,90 m

Flecha — 1,50 m

As dimensões do segundo arco, o central, são as seguintes:

Vão — 9,15 m

Flecha — 4,65 m

Visto de longe, este arco dá-nos a ilusão de se tratar de um arco quebrado. Porém, observando-o com mais atenção, vê-se que este aspecto lhe é dado por um aluimento das aduelas superiores.

Ainda que não seja possível afirmar com rigor, porque a corrente impede a medição dos arcos arruinados, parece ser este o de maiores dimensões.

O arco ogival, de menores dimensões, tem as seguintes medidas:

Vão — 3,25 m

Flecha — 1,80 m

Se a forma do arco não fosse suficiente para o datar do período medieval, o facto de todos os silhares até à quinta aduela estarem marcados com siglas confirmaria essa datação.



Figura 5

Na margem oeste existe ainda o arranque de outro arco (fig. 5), cujos silhares estão marcados com siglas, tal como sucede com os elementos de construção dos dois outros arcos destruídos e dispersos no leito do rio.

Esta ponte devia ter, aproximadamente, cem metros de comprimento. Dela restam-nos ainda 43 m de tabuleiro, que tem uma largura total de 3,70 m, com guardas de 0,31 m de espessura. A largura útil da ponte é, portanto de 3,18 m.

Caída no chão, à saída da ponte, na margem esquerda, encontra-se uma pedra facilmente identificável como a base de uma inscrição.

Ponte de Escalhão (fig. 6):

É um monumento sustentado por dois arcos.

O arco sul mede:

Vão — 6,60 m

Flecha — 3,30 m

Arco norte:

Vão — 6,70 m

Flecha — 4,10 m.

O tabuleiro tem 44 m de comprimento e 3,90 m de largura total. As guardas têm 35 cm de espessura e o comprimento das pedras que as formam é de 1,05 m. A largura útil do tabuleiro é de 3,20 m.

Apesar de os arcos, pela forma e pelas siglas que marcam as suas pedras, serem datáveis do período medieval julgo poder situar a origem desta ponte na época romana. A sua situação sobre a via de Mérida a Astorga, por Idanha-a-Velha, bem



Figura 6

como a ausência de siglas nas bases dos arcos parecem confirmar esta hipótese. Aquelas bases são encimadas por uma moldura (fig. 7) com 3,70 m de comprimento e que ressalta da base 20 cm.

Ponte da Vermiosa (fig. 8):

Também este monumento sofreu alterações posteriores à sua construção, algumas de data muito recente, pois um baixo-relevo de sabor românico (fig. 9), hipoteticamente atribuível à época da primeira reconstrução da ponte, foi inserido num dos arcos e preso com cimento moderno.



Figura 7



Figura 8

Figura 9



A ponte tem um comprimento total de 20,70 m e uma largura máxima de 3,35 m. As guardas têm 0,225 m de espessura e a largura útil é de 2,90 m.

O arco oeste mede:

Vão — 4 m

Flecha — 1,70 m

O arco central mede:

Vão — 5,60 m

Flecha — 2,20 m

Arco leste:

Vão — 4 m

Flecha — 1,90 m

The secondary roman roads have the greatest importance for the study of the commercial links in the Roman provinces.

The theme of this work are two such roads, one of which rides from Emerita Augusta to Asturica, through the Oriental part of Portugal, and the other makes the connection between this one and the so called Via de la Plata.

This last was afterwards used as a way of pilgrimage to Santiago de Compostela.

Both roads ride through the land of the Interanienses, people mentioned by the classic authors and the epigraphic monuments.